

Na freguesia das Tresminas, no termo da Filhagosa, tanto ao SOE., como a SE., ha grande numero de dolmens devassados na sua grande maioria, senão totalidade, com o fim de se aproveitarem os esteios, que são de granito, para a construcção de *cubos* de moinhos e para paredes das *bouças*.

Todos os dolmens encontrados estão nos montes e não nas pequenas ribeiras d'esta freguesia, em que ha muitos vestigios dos Romanos, sobresaindo os celebres *Lagos* de que se occupou Argote no volume II das *Memorias do Arcebisnado de Braga*, pag. 478.

Nas informações que deram a este benemerito escriptor não lhe mencionaram dois grandes tuneis abertos na rocha para facilitar o transporte do minerio, cuja exploração deu em resultado o *lago de Covas*.

A seu tempo havemos de comparar o que diz Argote com o que se observa actualmente.

No termo de Alfarella de Jalles encontram-se alguns dolmens, segundo me informam pessoas dignas de credito.

2. Dolmens no concelho da Ribeira da Pena

Até o presente só podemos averiguar a existencia de dolmens no termo da povoação chamada Concelho, a nascente, no sitio denominado o Marco, e no termo da povoação de Santa Eulalia. Nos baldios de uma e de outra povoação ha muitos dolmens, segundo nos dizem.

3. Dolmens no concelho de Sabrosa

Na freguesia de S. Martinho de Anta existem alguns dolmens que não pudemos ainda examinar, o que faremos na primeira occasião.

Villa Real, 21 de Março de 1899.

HENRIQUE BOTELHO.

Antiguidades romanas de Lisboa

Ultimos descobrimentos

Gozoa Lisboa de muita importancia na antiguidade, o que sabemos não só pela historia propriamente dita, mas pelos monumentos, não obstante haver-se perdido grande parte d'estes, já em tempos modernos. É assim que do avultado número de inscrições romanas que se citam no *Corpus Inscriptionum Latinarum* restam poucas hoje.

Não admira, por conseguinte, que de vez em quando o seio da terra nos offereça algumas curiosidades archeologicas, por occasião de excavações casuaes que nelle se fazem. Aqui darei noticia dos ultimos descobrimentos da epocha lusitano-romana.

1. Largo de S. Domingos

Quando se procedeu aos trabalhos para o estabelecimento do ascensor de S. Sebastião da Pedreira, appareceram no largo de S. Domingos vestigios de construcções, ossadas humanas e ao mesmo tempo duas inscripções do tempo dos Romanos. Uma d'estas foi publicada n-*O Archeologo Português*, v, 173; a outra está incompleta (dimensões $0,33 \times 0,26$) e só nella se decifra com certeza: SOMI... IOI... II, em tres linhas, tendo cada letra a altura de 0,65. Ambas são de calcareo, e estão agora no Museu Ethnologico, com as ossadas e varios tijolos rectangulares (em latim *lateres*), alguns d'estes marcados grosseiramente com uma especie de N. Tambem appareceram do mesmo logar grãos de trigo carbonizados.—Todos estes restos são de certo posteriores ao seculo II da era Christã.

Ao Srs. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa e da Companhia de Viação Funicular deve o Museu a aquisição (1898) d'estes monumentos da historia antiga da nossa capital.

2. Muralhas do Castello

Tendo-me o Sr. Mesquita Figueiredo dito que nas muralhas do Castello, em certo ponto, havia uma pedra com feitio especial, a qual denotava ser monumento romano, mandei arrancá-la, e verifiquei que nella se lia a seguinte inscripção funeraria romana:

..... IATIO
 ASPRO AN XX
 VIII CALVEN
 TIA IVLIANA
 MARITO PIIS
 SIMO · F · C ·

Isto é: ... *atio Aspro, an(norum) 29, Calventia Iuliana marito piissimo f(aciendum) c(urauit)*, cuja traducção não offerece difficuldade. Na primeira linha falta o *praenomen* e parte do *nomen*, que acabava em *-atius* ou *tatius*; dos diversos *nomina gentilitia*, taes como *Atius, Barbatius, Curiatius, Egnatius, Horatius, Lutatius, Muratius, Optatius, Statius, Tenatius*, o que convem bem aqui é *Lutatius* ou, como pre-

firo, *Optatius*, por causa do espaço. *Optatius*, com *Optatinus*, deriva de *Optatus*; é curioso que em inscripções de Lisboa se encontrem estes dois ultimos nomes. O *cognomen* na nossa inscripção é *Asper*, em dativo *Aspro*, em vez de *Aspero*; a fórma *Aspro* encontra-se tambem numa inscripção de Hespanha: *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5673; a propria litteratura latina nos offerece *aspro* (syncope). O nome *Calventia*, da esposa de *Asper*, apparece frequentemente em inscripções, embora não se leia de modo certo em nenhuma da Péninsula; mas lê-se numa d'ellas o derivado *Calventianus*: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4335. — A pedra tem estas dimensões: 0^m,46 × 0^m,275; falta-lhe a parte superior, pelo que não se póde saber se representava uma árula ou um simples cippo. As lettras tem de altura 0^m,20 e parece indicarem o seculo I da Era Christã.

3. Cêrca do Convento de Jesus

Ahi encontrou tambem o Sr. Figueiredo uma placa de pedra com inscripção romana, que fiz igualmente transportar para o Museu Ethnologico. Depois que alli chegou, verifiquei que já havia sido publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 253, mas com inexactidões. Aqui dou a cópia fiel:

D M S
TILIMACO
ANN LX
NEMESIVS
PATRI PIEN
... MO
F C

Na 2.^a linha: *Tilimaco* em vez de *Telemacho*, o que parece indicar certa peculiaridade da pronuncia popular do grego. Com effeito este nome é grego, como o seguinte que deriva de *Némesis*. Tanto *Telemaco* como *Nemesio* eram provavelmente escravos. — Na linha 6.^a ha-de subentender-se *tissi*, que completa as syllabas antecedentes e seguintes; a palavra completa é *piéntissimo*. — É interessante notar que nas inscripções de Olisipo se encontram outros nomes gregos, taes como: *Euporius*, *Daphnus*, *Amaranthus*, *Eutichus*, *Chreste*, *Zozimo*, *Thymele*. — O campo da inscripção é quadrado: 0^m,28 × 0^m,28. As lettras tem de alto 0,03 a 0,035. — Esta inscripção não a julgo anterior ao seculo II da Era Christã.

4. Crasta da Sé

Em excavações que por conta do Ministerio das Obras Publicas se tem feito na crasta da Sé cathedral tem apparecido, nos entulhos, va-

rias antiguidades. Segundo determinação especial, emanada d'aquelle Ministerio, ficou pertencendo ao Museu Ethnologico Português o direito da posse de todos os objectos antigos encontrados lá. Não appareceu, porém, que eu saiba, cousa de grande valor.

O que recebi no Museu foi o seguinte: uma pedra aparelhada; varios fragmentos de amphoras e de tegulas; um cossoiro, ou *verticillus*, de barro negro; varios fragmentos de loiça pintada. Tambem lá se encontraram muitas conchas, o que costuma acontecer nas estações romanas, por vezes. Hesitei a principio se devia attribuir ou não á epocha romana a loiça pintada; todavia, de um lado a concomitancia do apparecimento dos demais objectos, do outro o facto de eu ter visto loiça igual em museus da Suiça, etc., dada como romana, levam-me agora a suppor possivel a romanidade da nossa loiça da Sé.

Nada tem estranho o apparecimento de objectos romanos no local da Sé, porque é sabido que bem perto se encontraram antigamente muitos. No vizinho sitio das Pedras Negras se vêem ainda numa parede algumas inscrições; e mettidas nos próprios muros da Sé ha lapides provenientes de epochas antigas.

Com os objectos mencionados em primeiro logar, encontraram-se, tambem nos entulhos, varios seixos rolados, com vestigios de percussão; estes seixos foram sem dúvida utilizados como percutores, e eu tenho visto muitos iguaes em museus estrangeiros. Como taes instrumentos porém pouco tem especial, torna-se difficil marcar-lhes epocha certa, mas é provavel que sejam contemporaneos dos outros.

Todos estes objectos estavam enterrados a uns 6 metros de profundidade.

5. Moedas romanas de diferentes sitios de Lisboa

Possuo duas moedas ibericas, achadas, ao que me disseram, no bairro de D. Estephania: um denario de Osca, com caracteres indigenas; um bronze mediano de Arze-Saguntum. Consta-me que com a primeira appareceram outras, mas não as vi. O denario appareceu em 1892; a outra moeda em 1893. A primeira pertence á classe que recebeu dos historiadores romanos o nome de *argentum Oscense*.

No bairro novo de Camões, a Santa Martha, appareceram, segundo o que me disseram, varias moedas romanas de cobre, que adquirir para o Museu na occasião (1900): são de Claudio II (sec. III), de Constantino I (sec. IV), etc.—Com estas moedas appareceu um pedacito de cobre informe.

No terreno pertencente ao Convento da Encarnação (ás escadas de S. Luiz da Pena) appareceram várias moedas que vi, mas que não

pude obter; um denario de Augusto (sec. I), um bronze mediano de Maxencio (sec. IV), etc.

O Sr. Pedro de Azevedo offereceu ao Museu duas moedas de cobre: uma de Constantino II (sec. IV), outra de Honório (sec. IV-V), a primeira achada no Alto do Varejão, ambas em 1898; não se póde, porém, dizer se estas moedas determinam nos referidos locais epocha romana, por isso que de envolta com ellas estavam moedas portuguezas.

Por intermedio do Sr. Dr. Sousa Viterbo, foi-me offerecido para o Museu pelo Sr. Carlos Reis um bronze mediano de cobre, cunhado em Emerita (sec. I), e encontrado no quintal da casa n.º 10 da R. de S. Joaquim, a Santa Isabel, onde actualmente habito. Este anno encontraram-se no mesmo quintal uns pequenissimos fragmentos metallicos, alguns como de bronzes minimos da epocha romana, mas em tão mau estado que nada póde dizer-se ao certo o que seriam.

O apparecimento em Lisboa de moedas ibericas cunhadas na Hespanha vem confirmar o que já por mais de uma vez tenho dito noutros escriptos: que as moedas cunhadas em certos pontos da Península corriam noutros muitos distantes.

*

Do que fica exposto vê-se que se alargou um pouco o conhecimento da historia da nossa capital na epocha lusitano-romana, em que ella se chamava *Olisipo*. É d'este nome, na fórma *Olisipona*, que vem o moderno nome *Lisboa*, que passou pela fórma intermedia *Lisbõa*, que se usava antigamente, e ainda agora se ouve na boca dos saloios. A melhor orthographia do nome antigo é *Olisipo*, com um *p*, porque só um *p* intervocalico, e não dois, se podia na pronuncia abrandar em *b*. Como porém algumas vezes se encontra escripto em documentos romanos *Olisippo*, isto prova que o *i* da penultima syllaba era longo, e por tanto accentuado, segundo uma lei bem conhecida da prosodia latina: d'onde se conclue que se ha de pronunciar *Olisipo*, e não *Olisipo*. Pelo menos é isto o que me parece.

*

As pessoas que estiverem no caso de dar informações sobre antiguidades de qualquer ponto do país, principalmente das epochas romana e pre-romana, e ás que, possuindo objectos antigos, os puderem dispensar, tomo a liberdade de pedir que me enviem as noticias para serem publicadas em *O Archeologo Português*, e offereçam os objectos

ao Museu Ethnologico Português, onde ficam ao alcance de todos os estudiosos. Em qualquer dos casos a correspondencia deve ser-me dirigida para a Bibliotheca Nacional de Lisboa. *O Archeologo Português* conta já cinco volumes, e tem sido collaborado por muitos archeologos nacionaes e estrangeiros. O Museu Ethnologico, com quanto esteja ainda em comêço, desenvolve-se todos os dias, e maior incremento tomará em breve, mercê do auxilio que me foi promettido; todavia, para attingir o *desideratum*, precisa da cooperação de todos. A archeologia não constitue meramente uma curiosidade ou um luxo; ella illumina a historia do passado, faz que o comprehendamos melhor, e, fortificando-nos no conhecimento das nossas cousas, ajuda-nos a termos noção mais clara e completa da patria. Assim o entendem todos os paises cultos: por isso nelles abundam ricos museus archeologicos, que são ao mesmo tempo enlêvo dos olhos, e fonte perenne de instrucção historica, e de educação do sentimento nacional.

J. L. DE V.

Amuletos

Ha muitos annos que me occupo dos nossos amuletos, já reunindo exemplares, que pela maior parte tenho guardados no Museu Ethnologico, já tomando notas na bibliographia nacional e estrangeira. Logo que outros trabalhos m'o permittam, publicarei sobre elles um livro especial, ou um capitulo que faça parte de obra de plano mais generico. Esse estudo constará pouco mais ou menos das seguintes secções:

INTRODUÇÃO:

I. Definição e theoria geral dos amuletos: cfr. o opusculo *Sur les amulettes portugaises*, pag. 3 sqq.; e as *Religiões da Lusitania*, I, 111 sqq.

II. Uso geral dos amuletos nos differentes povos. Bibliographia correspondente.

III. Classificação dos amuletos: cfr. o referido opusculo *Sur les amulettes*, pag. 6 sqq.

IV. Chronologia historica dos nossos amuletos: pre-romanos, romanos, medievaes, modernos; amuletos christãos (reliquias, agnus-Dei, veronicas, etc.).

V. Fontes de estudo dos amuletos portuguezes: 1) arte e litteratura em geral; 2) bibliographia especial; 3) tradição popular moderna.